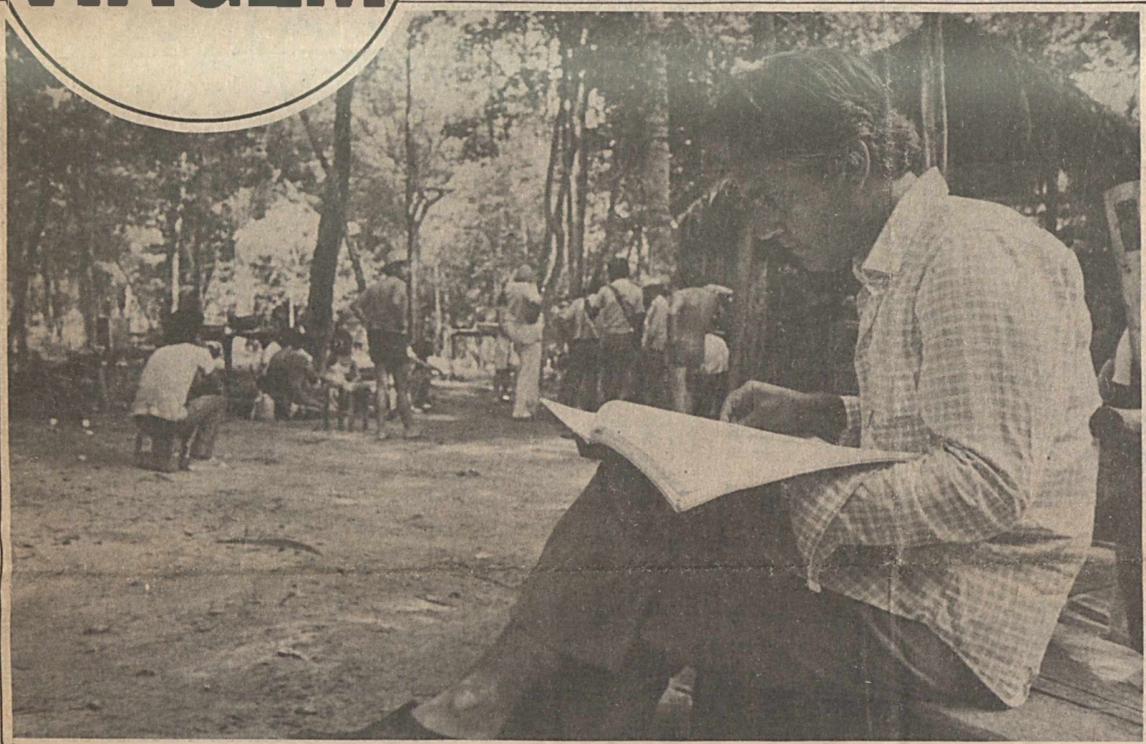


DM Revista

Goiânia, 24 de agosto de 1983

A DIFÍCIL VIAGEM

A Dificil Viagem, filme rodado em Aruanã, estreia hoje em Goiânia com a presença do diretor Geraldo da Rocha Moraes e dos atores Paulo José, Roberto Bonfim, Zaira Zambelli e Venerando Ribeiro. Depois da projeção, haverá debate com o público.



Paulo José: "Há muito tempo não tinha nas mãos um roteiro que me atraísse tanto"

Paulo José lança hoje filme rodado em Aruanã

SUSAN FARIA

Produzido às margens do rio Araguaia, em Aruanã, há quase dois anos, o filme A Dificil Viagem estreia hoje, às 20h30min, no Cine Presidente, com a presença do diretor Geraldo da Rocha Moraes e dos atores Paulo José, Roberto Bonfim, Zaira Zambelli e Venerando Ribeiro. Após a projeção, eles participarão de um debate, oportunidade em que o público poderá expor suas idéias ou dúvidas a respeito da obra.

O conflito da formação urbana, intelectual de Evandro Souza, um engenheiro de 40 anos, em confronto com a realidade simples de uma cidade do interior do Brasil, é o fio condutor do filme. O contraste entre as teorias escolares e a verdade existente na região leva o personagem a pretender modificar os hábitos de um povo. Entretanto, a transformação se dá é com ele, principalmente, após seu envolvimento amoroso com Luzia, moça simples que o torna mais apegado à terra.

PARTICIPAÇÃO POPULAR

Segundo Geraldo Moraes, A Dificil Viagem nasceu espontaneamente, na beira de um rio, do contato direto com caboclos e pescadores e da vivência dolorosa "de me saber habilitado a falar sobre o Brasil, numa universidade e não me fazer entender pelo velho Jôra, na Barreira do Pequê". A seu ver, a fita descreve uma jornada solitária e a procura da identidade coletiva, ou relata o drama de uma geração dividida entre a produção de suas próprias idéias e a reprodução de modelos aprendidos.

Como diretor, explica que sua função é estimular ao máximo a criatividade de todos os atores, mas sem jamais permitir que o



O professor Venerando Ribeiro durante as filmagens em Aruanã



Roberto Bonfim é Pedro Canoeira, um índio aculturado das beiras do Araguaia

filme perca a unidade, o sentido e se transforme numa colcha de retalhos". Para isso é necessário uma grande intimidade com os personagens, as cenas e seu significado".

Conta também que Aruanã não cedeu apenas a paisagem para as lentes de Walter Carvalho; participou do filme em todos os momentos. Os figurantes e colaboradores deram à obra o clima que ela tem. "A

mistura de atores e técnicos com pessoas do próprio local — diz Geraldo — não foi uma simples exigência do orçamento

exiguo. Foi uma opção necessária à vivência do tema".

AS DIFICULDADES

A realização de A Dificil Viagem foi possível graças a premiação de seu roteiro, em um concurso a nível nacional feito pela Embrafilme. A empresa financiou 40% do custo do trabalho e este contou também com o apoio da Vasp, Sesi, Goiastur e UFG. No início, Geraldo Moraes pensou em realizar o filme na Ilha do Bananal. Entretanto, lá não podia contar com hotel, energia elétrica, telefone.

Desistiu. Acabou optando por Aruanã, com infra-estrutura razoável para os serviços de filmagem — embora tivessem sempre que ir até Mozarlândia, distante 100 quilômetros, para contatos telefônicos com o Rio de Janeiro.

A fita documenta, além da vida e paisagens do rio Araguaia, alguns aspectos característicos dos hábitos da região, como a pamonhada, o casamento na roça, a festa de Santo Antônio, a catira, a treição, a pesca do pirarucu e a procissão. Tudo isso faz parte da ação dramática e vida dos personagens, de forma a não parecer que forma simplesmente colocados como mera informação folclórica.

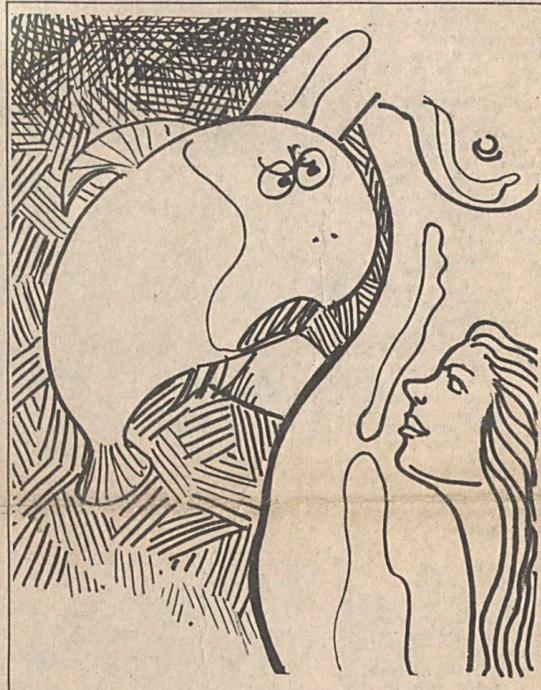
FICHA TÉCNICA

Gaucho, com 44 anos de idade, o diretor Geraldo da Rocha Moraes viveu algum tempo no Rio e em Goiás. Há 15 anos mora em Brasília, onde ministra aula de Cinema na Universidade de Brasília. Já produziu o curta-metragem A Semente do Pão e o documentário Os Mensageiros da Aldeia, além de ter dirigido teatro, espetáculos musicais e discos.

No elenco de A Dificil Viagem estão os atores Paulo José, Zaira Zambelli e Roberto Bonfim (da rede Globo de Televisão), o professor Venerando Ribeiro, do Curso de Comunicação Social da UFG, João Antônio, Rui Resende, César Teixeira, Joselinda Alvarenga, Simon Khoury, Ari Pararraios, Malu Moraes, Gisele Lemper e Beatriz de Castro, além de outros personagens e figurantes da região de Aruanã. Como hoje é quarta-feira, o público pagará apenas meia-entrada, ou seja, Cr\$ 500, para assistir a estréia do filme.



LEANDRO KONDER



Homens e mulheres

Os irmãos Grimm, na Alemanha, no tempo do Romantismo, recolheram uma lenda segundo a qual um pescador tinha pescado um peixe mágico, falante, que para poder voltar livremente ao mar lhe prometia satisfazer todos os seus desejos. Insuflado por sua mulher, que era muito ambiciosa, o pescador foi pedindo coisas cada vez maiores: pediu para ser rico, para ter poder, para ser rei. Quando a mulher o incitou a pedir ainda mais, ele desejou ser Deus. E o peixe — um linguado — abandonou-o, colocando-o de volta na pobreza em que vivia quando ocorreu a pesca milagrosa.

Agora, o escritor alemão Günter Grass (autor consagrado de O Tambor) resolveu virar pelo avesso a velha lenda, na versão que lhe deram os irmãos Grimm. Em seu romance O Linguado, (ed. Nova Fronteira), Grass reescreve a fábula, com a preocupação de "limpá-la" de seu escandaloso "machismo", reabilitando a mulher do pescador.

Para Günter Grass, o papel do Linguado na história é extremamente ambíguo. O livro imagina o peixe mágico como um aventureiro e refinado sedutor, que assessora o pescador primitivo numa revolta contra o matriarcado tradicional. "A Natureza" — diz ele — já não quer ser tolerada de modo feminino, mas sim subjugada virilmente". O crédulo pescador acreditou nos argumentos do Linguado e com ele começou uma longa história de exploração e opressão das mulheres pelos homens. A partir dele foram sendo elaboradas instituições de tipo patriarcal, ideologias de autoglorificação masculina, supra-estruturas que atravessaram muitos séculos, "desde Zeus até Marx".

Por fim, o Linguado se decepcionou com os homens, cansou-se da causa masculina, considerou demasiado graves os crimes cometidos pelos machos, demasiado mesquinhos os resultados de sua ação. Assim, em pleno século vinte, deixou-se pescar por três feministas, entregou-se a elas.

As feministas, inteiradas da ação que o Linguado desenvolvera no passado, resolvem submetê-lo a um julgamento público, em Berlim. São reconstituídas as iniciativas do peixe contra as mulheres de diversas épocas: contra Ava, a mulher do neolítico, que tinha três seios; contra Wigga, a pomerana; contra Mestwina, a primeira mulher na região de Gdansk a assassinar um homem; contra Dorothea, no século XIV; contra a gorda

Margarete Rusch; contra Agnes Kurbiella; contra Amanda Woyke, a introdutora da batata na alimentação dos prussianos; contra Sophie Rotzoll, a jacobina; contra Lena Stubbe, a socialista; contra a doutora Sibylle Miehlau, violentada e morta por motoqueiros em 1963; e contra Maria Kuczorra, a cozinheira do Estaleiro Lênin, durante o protesto dos operários de Gdansk, na Polônia, em 1970.

O julgamento é muito movimentado, cheio de lances dramáticos. O livro gira em torno dessa reconstituição do passado, das discussões que ela provoca, mas também em torno das relações amorosas do narrador com sua mulher, que tem o mesmo nome da mulher do pescador da lenda: Ilsebill.

Ilsebill está grávida e o romance está estruturado segundo a sua gravidez: subdividido em nove partes, correspondentes aos nove meses da gestação. O narrador acompanha com paixão tanto a gênese de sua futura filha como a evolução da controvérsia suscitada pelo Linguado.

O peixe se defende com inegável brilhantismo, alega que as próprias feministas se deixam envolver por uma visão "machista" da história, de modo que não avaliam bem a importância da ação de certas mulheres. Na esfera crucial da alimentação, por exemplo, as mulheres, frequentemente, exerceram sobre a história uma influência profundíssima, transformando hábitos e criando novos valores.

Há no livro fascinantes observações sobre comida. Grass emociona seus leitores com o que consegue dizer sobre leitões recheados com milho ao leite, sobre carneiros preparados com feijão e pera, bem como sobre a sopa de ossos de boi ou os pés de porco com pão de centeio e pepinos da cozinha proletária (desalienante) de Lena Stubbe.

As feministas divergem quanto às alegações do Linguado e brigam, ridiculamente, umas com as outras. Algumas feministas radicais tentam assassinar o Linguado. No final do julgamento, entretanto, o tribunal promove um lauto almoço, as mulheres (e o narrador) comem peixe — linguado! — diante do acusado (naturalmente, contrafeito). Em seguida, o Linguado falante é devolvido ao mar, para remoer seus remorsos.

E o leitor, terminado o livro, saborosamente truculento, fica, naturalmente, remoendo os dados — que ficam em aberto — relativos à questão das relações entre os homens, as mulheres e a comida.